

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura 4 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-527-3

DOI 10.22533/at.ed.273200311

1. Educação. 2. Política. 3. Economia. 4. Ciência e Cultura.. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficiente medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste livro.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que inter cruzam e implicam ao contexto educacional. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros, como os compõe essa obra.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade.

Portanto, as discussões empreendidas neste volume 04 de “***A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, ciências

e tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, política, economia, entre outros.

Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO E POLÍTICA: UMA REVISÃO SOBRE PEDAGOGIA DEMOCRÁTICA

Wesley Pinto Hoffmann
Raquel Aparecida Loss
Claudineia Aparecida Queli Geraldi
Sumaya Ferreira Guedes
Juliana Maria de Paula

DOI 10.22533/at.ed.2732003111

CAPÍTULO 2..... 10

ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Isabela Einik
Márcia Adriana Dias Kraemer
Pamela Tais Clein Capelin

DOI 10.22533/at.ed.2732003112

CAPÍTULO 3..... 28

O GESTOR ESCOLAR E A EJA COMO DIREITO: IMPASSES COMO DESAFIOS DA FORMAÇÃO

Maria Angélica de Souza Felinto
Antonio Amorim

DOI 10.22533/at.ed.2732003113

CAPÍTULO 4..... 42

O “HTPC VIRTUAL” COMO REDE COLABORATIVA DE APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE - TRANSPONDO DESAFIOS E CONSTRUINDO APRENDIZAGENS

Lucia Helena Carvalho Gonzalez
Jaqueline Cabral Alves Dornelas
Solange Cabral Alves
Raquel Caparroz Cicconi Ramos
Karen Keller
Ivan de Carvalho
Elisabeth dos Santos Tavares

DOI 10.22533/at.ed.2732003114

CAPÍTULO 5..... 59

“A UNIVERSIDADE SOMOS NÓS”: A GESTÃO DE DELZA GITAÍ, PRIMEIRA REITORA DA UFAL, 1987-1991

Giovanni Torres Apratto Lopes

DOI 10.22533/at.ed.2732003115

CAPÍTULO 6..... 64

PROJETO SOCIAL VIVAVÔLEI MARCELLE/UFLA – 2019: ATUANDO NO

DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE DE LAVRAS/MG

Joice Benedita Silva
Amanda Siqueira de Castro
Camila Mariana de Lima
Gustavo Belarmino da Costa
Vinícius Manoel Cândido Neves
Marcelo de Castro Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.2732003116

CAPÍTULO 7..... 73

HABITUS PROFESSORAL E ALTERIDADE NA TRAJETÓRIA DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Gustavo Henrique Gonçalves Maria

DOI 10.22533/at.ed.2732003117

CAPÍTULO 8..... 83

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Antônio Carlos Pereira dos Santos Junior
Maria Aparecida da Silva
Maria do Horto Salles Tiellet

DOI 10.22533/at.ed.2732003118

CAPÍTULO 9..... 98

EDUCANDO PARA SAÚDE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO ATRAVÉS DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA

Andréia Farias de Jesus
Cassio Murilo Lima do Carmo
Tatiane dos Santos Moreira

DOI 10.22533/at.ed.2732003119

CAPÍTULO 10..... 102

APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO, OU COMPETÊNCIAS? CURRÍCULOS OFICIAIS EM ANÁLISE (2010 E 2017)

Natália Rubert Wolff Camy
Fabiany de Cássia Tavares Silva

DOI 10.22533/at.ed.27320031110

CAPÍTULO 11..... 114

INICIAÇÃO CIENTÍFICA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Shirley de Lima Ferreira Arantes
Diego Alves Simão
Petúnia Caroline de Sousa
Bruno Otávio Arantes

DOI 10.22533/at.ed.27320031111

CAPÍTULO 12.....	126
COMO O CÉREBRO APRENDE?	
Beatriz Cassol	
Cristiane Beatriz Dahmer Couto	
Viktória Eduarda Canas de Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.27320031112	
CAPÍTULO 13.....	131
PERTINÊNCIAS DE UM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA	
Sílvio Memento Machado	
DOI 10.22533/at.ed.27320031113	
CAPÍTULO 14.....	142
CURSOS DE SENSIBILIZAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO INOVADOR	
Ana Augusta da Silva Campos	
Maria Fabiana Braz Laurentino	
Jacinta de Fátima Martins Malala	
José Orlando Costa Nunes	
Vagner Miranda de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.27320031114	
CAPÍTULO 15.....	148
NO CAMINO DOS GRADUADOS	
Vivian Aurelia Minnaard	
Guillermina Riba	
Mercedes Zocchi	
DOI 10.22533/at.ed.27320031115	
CAPÍTULO 16.....	155
CRECHE E PRODUÇÕES DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS	
Aida Brandão Leal	
Bruna Ceruti Quintanilha	
DOI 10.22533/at.ed.27320031116	
CAPÍTULO 17.....	171
POR UMA EDUCAÇÃO CRIATIVA: A ESCOLA COMO AMBIENTE FAVORÁVEL À CRIATIVIDADE	
Ulisses Pereira de Carvalho	
Ciro Inácio Marcondes	
DOI 10.22533/at.ed.27320031117	
CAPÍTULO 18.....	181
“A RAINHA DESTRONADA: MÃE PARALÍTICA NO TEATRO DAS URNAS”	
Alisson Santos Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.27320031118	

CAPÍTULO 19	194
JOVENS “BALADEIROS” E “ESTUDIOSOS”: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE HÁBITOS CULTURAIS E TRAJETÓRIA ESCOLAR	
Marcella da Silva Estevez Pacheco Guedes	
Marcio da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.27320031119	
CAPÍTULO 20	209
FORMAÇÃO DOCENTE – REPENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Crisitiane de Almeida Santos	
DOI 10.22533/at.ed.27320031120	
CAPÍTULO 21	226
ESCREVER, PARA QUÊ?	
Francisca Edvania Tavares	
Francisca Moreira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.27320031121	
CAPÍTULO 22	233
REDAÇÕES NOTA MIL DO ENEM 2017: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Verônica Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.27320031122	
CAPÍTULO 23	246
O TESTE CLOZE COMO INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO EM COMPREENSÃO LEITORA NO NÍVEL MICROTEXTUAL	
Vanessa de Oliveira Silva Ferraz Cabral	
Maria Inez Matoso Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.27320031123	
CAPÍTULO 24	258
A POESIA NA SALA DE AULA: POESIA E LIRISMO EM VERA ROMARIZ	
Camila Maria Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.27320031124	
CAPÍTULO 25	265
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PRELIMINAR SOBRE O CONCEITO <i>STORYTELLING</i> COMO PARTE DE PESQUISA EM IMPROVISACÃO MUSICAL	
Rafael Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.27320031125	
CAPÍTULO 26	276
PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO MUSICAL	
Tiago Vidal Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.27320031126	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	287
ÍNDICE REMISSIVO.....	288

Data de aceite: 03/11/2020

Tiago Vidal Corrêa

UFRJ

Nova Friburgo – RJ

<http://lattes.cnpq.br/7332276630312478>

<https://orcid.org/0000-0002-3580-0249>

RESUMO: Neste artigo temos por objetivo principal entender o processo perceptivo frente à construção do conhecimento musical. A percepção é o lugar de acontecimento em que conhecemos música como música, sem mediações. Para compreender o lugar de advento do ser/perceber música necessitamos pensar o que é próprio do humano e os diferentes aspectos psicossociais e filosóficos entrelaçados na criação de música, pois, das relações entre ser, perceber, humanos e mundo emerge a busca por conceitos que permitirão um melhor desenvolvimento e apreciação do fazer musical.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção; conhecimento; educação musical.

PERCEPTION AND MUSICAL KNOWLEDGE

ABSTRACT: In this article, we have as main objective to understand the perceptual process towards the construction of musical knowledge. Perception is the most happening place in music we know as music, without mediation. To understand the place of advent of being / perceiving music need to think what is proper to the human and the various psychosocial and

philosophical aspects intertwined in the creation of music, because of the relationship between being, perceiving, and human world emerges to search for concepts that allow a better development and appreciation of music making.

KEYWORDS: Perception; Knowledge; Music Education.

1 | INTRODUÇÃO

A percepção é intrínseca ao ser humano. Os sentidos corporais são os meios pelos quais o ser humano percebe o mundo, captando informações do meio em que habita, e assim, ao se pensar um pensamento, surgem oportunidades de construção de conhecimento, pois, ao perceber e interagir com a coisa percebida, o ser humano inaugura a possibilidade de acontecimento do saber. Assim, o ato perceptivo está diante à construção do conhecimento musical.

Logo, a percepção é o lugar de acontecimento em que conhecemos música como música, sem mediações. Para compreender o lugar de advento do ser/perceber música necessitamos pensar o que é próprio do humano e os diferentes aspectos psicossociais e filosóficos entrelaçados na criação de música, pois, das relações entre ser, perceber, humanos e mundo emerge a busca por conceitos que permitirão um melhor desenvolvimento e apreciação do fazer musical. Assim, vamos a percepção e ao conhecimento musical.

2 | PERCEPÇÃO

O estudo da percepção vem sendo desenvolvido através dos tempos. Encontra-se a preocupação com este estudo desde a Grécia (MARCONDES, 2001), onde pensadores como Heráclito (535 a.C – 475 a.C.), Parmênides (530 a.C. – 460 a.C.), Demócrito (460 a.C. – 370 a.C.), bem como pensadores posteriores, (MARCONDES, 2001), desenvolveram em seus discursos o conceito de conhecimento, que está ligado a definição de percepção, pois, conhecer passa pelo crivo do perceber.

Abbagnano (2012) apresenta três significados principais para percepção: (1) um significado generalíssimo, segundo o qual este termo designa qualquer atividade cognitiva em geral; (2) um significado mais restrito, segundo o qual designa o ato ou a função cognitiva à qual se apresenta um objeto real; (3) um significado específico ou técnico, segundo o qual esse termo designa uma operação determinada do homem em suas relações com o ambiente. Em cada um desses significados, encontra-se uma especificidade, onde no primeiro significado a percepção se difere do pensamento.

Bernadino Telésio (1509 – 1588) pensador renascentista, em sua obra “*De rerum natura iuxta propria principia*”, diz que “a sensação é a percepção das ações das coisas, dos impulsos do ar e das mesmas paixões e mudanças, especialmente destas últimas” (*De rer. Nat*, VII, 3). Assim, Telésio opõem-se ao pensamento de que a sensação seria apenas observada na ação das coisas ou modificação do espírito, contudo, admite que a sensação está na percepção de uma ou de outra. Pensadores posteriores, tais como Bacon (1561 – 1626), Descartes (1596 – 1650), Locke (1632- 1704), Leibniz (1646 – 1716) e Kant (1724 – 1804) defenderam a mesma doutrina, contudo dando suas contribuições ao pensamento.

No segundo significado apontado por Abbagnano, o ato cognitivo é objetivo, e o mesmo assimila um objeto real determinado, sendo este físico ou mental. Os pensadores estoicos, segundo Abbagnano (2012) “definem a sensação deste modo: a sensação é percepção por meio do sensório ou da compreensão”. Segundo Abbagnano (2012):

“O conceito de percepção ao qual essas doutrinas fazem referência é bastante uniforme: a percepção é o ato pela qual a consciência ‘aprende’ ou ‘situa’ um objeto, e esse ato utiliza certo número de dados elementares de sensações. Este conceito, portanto, supõem: 1º. a noção de consciência como atividade introspectiva e auto-reflexiva; 2º. a noção do objeto percebido como entidade individual perfeitamente isolável e dada; 3º. a noção de unidades elementares sensíveis. O abandono desses três pressupostos caracteriza a nova fase do problema da percepção, própria da psicologia e da filosofia contemporâneas. (ABBAGNANO, 2012, p.877)

1. A nova naturalidade se ajusta aos próprios princípios.

O terceiro conceito apresentado por Abbagnano se refere à percepção feita através da interpretação dos estímulos captados e a concepção dos significados destes. Assim, a percepção torna-se o ponto de encontro entre a mente humana e o mundo, entre o exterior e o interior, logo o lugar de advento do ser/perceber música.

Desta forma, o estudo da percepção em nosso tempo admite alguns ângulos de observação, a partir da área de conhecimento em que se postula o ato perceptivo. No mundo acadêmico do estudo da música, a percepção é, dentre outros momentos, um nome dado a uma disciplina. Neste ambiente de estudo, a percepção é encarada como uma atividade que permite ao estudante a aquisição de habilidades específicas, como escuta e representação. Ouvir uma melodia e escreve-la em uma pauta musical, ouvir uma sequencia de acordes e determinar teoricamente suas cadências, ouvir uma sequencia de articulações dentro do espaço-tempo e representa-las graficamente usando sinais já convencionados, tais como colcheias, mínimas, semínimas, fórmulas de compasso, etc.. Esse tipo de percepção é tido como obrigatório para o sujeito que se vincula ao fazer musical, e realmente o é. Contudo, identificar os aptos ou não aptos ao fazer musical através da capacidade de reproduzir graficamente objetos sonoros é restringir o acesso do ser a práxis musical, pois, o perceber de música não pode, ou, não deveria ser medido apenas na capacidade do sujeito em escrever o que ouviu, no caso de música, embora através dos tempos esta medida tenha sido empregada, o que resulta em uma eliminação precoce do sujeito ao acesso aos sabores musicais.

Tome-se como exemplo a musicalidade de uma tribo ágrafa. Certamente o passar do conhecimento musical se dá através da oralidade e, o uso da música é objetivo, tal como o uso em cerimônias fúnebres, ou em festas no período de colheita ou até mesmo como rituais religiosos. Em todos esses momentos, dentro desta sociedade específica a música é produzida e veiculada entre os membros desta sociedade não através do uso metódico da percepção, mas através do uso prático do processo perceptivo. Assim, a partir da reflexão acima, apontamos um olhar mais intenso e detalhado ao processo do perceber para a construção do conhecimento musical. O entendimento sobre a percepção apenas como ferramenta metodológica para o ensino musical não é, por certo, o melhor caminho para a construção do conhecimento musical.

Outro ângulo de visão da percepção se encontra dentro das visões psicológicas, de caráter ontológico, que formam complexos teóricos de construção do processo perceptivo. Estas visões, tais com a *gestalt*, o construtivismo, gibsonianos (BOCK, FURTADO; TEXEIRA, 1999), entre outros, formam uma cadeia de interpretações do processo perceptivo. A este trabalho cabe se apropriar dos conceitos convergentes com o pensamento do autor, para assim construir um caminho favorável onde o entendimento do processo perceptivo permita a aquisição do conhecimento.

Outro ângulo de observação ao se tratar da percepção está sobre o que se denomina a partir da expressão percepção de mundo. Nesse lugar, pretende-se identificar toda e qualquer ação social que seja condizente ou não com o que entende-se por moral. Para ser entender a moral, há previamente um processo perceptivo que deduz as ações das quais serão fundamentados os atos sociais, como defendia Kant (1993), a partir do princípio de identidade, onde o comportamento humano estaria relacionado com a identificação em seus pares, e assim, a ação de cada pessoa influenciaria no comportamento do indivíduo, logo, o comportamento se faz uma lei universal. A percepção de mundo talvez seja a forma mais abrangente ao sujeito de delinear o que seja percepção, uma vez que em todo e qualquer meio social, há a indicação, através da percepção do sujeito, do que seja o mundo. Porém, este trabalho não tem a intenção de se articular através do discurso que está contido dentro dessa perceber, apesar de nos apoiarmos nos processos perceptivos desenvolvidos por sujeitos inseridos ao meio social.

Assim, o perceber é algo intrínseco ao ser humano, logo ao pensamento. Perceber é uma atividade própria do intelecto. Mircea Eliade (1963) diz:

Uma diferença igualmente decisiva em relação ao modo de vida dos primatas é esclarecida pelo uso das ferramentas. Os paleantropídeos não só se servem das ferramentas, mas são ainda capazes de fabricá-las. É verdade que certos macacos empregam objetos como se fossem “ferramentas”, e conhecemos até casos em que eles as fabricam. Mas os paleantropídeos produzem, além disso, “ferramentas para fazer ferramentas”. Aliás, o uso que dão às ferramentas é muito mais complexo; guardam-nas bem perto para que delas se possam servir no futuro. Em resumo, o emprego não está limitado a uma situação particular ou a um momento específico, como acontece com os macacos. (ELIADE, 1988, p.17-18).

De fato, a discussão aqui não se refere ao pensamento do desenvolvimento humano a partir de um primata, contudo, a narrativa de Eliade nos permite dizer que essas “ferramentas para fazer ferramentas” são o pensamento, que, tem seu começo e seu recomeço com a percepção, permitindo assim, a construção de conhecimento. Não será muito forçoso fazer um comparativo onde essas ferramentas sejam o próprio pensar. Assim, como o pensar se liga ao perceber? Para o contexto musical, como entender o perceber e pensar dentro do espaço-tempo geometrizado pela partitura em contraposição ao perceber e pensar indo ao encontro do espaço-tempo do fenômeno desvelado pela produção e criação musical?

Recorrendo-se a um dicionário de língua portuguesa, observa-se a seguinte significado para percepção: (1) ato, efeito ou faculdade de perceber; recepção, pelos centros nervosos, de impressões colhidas pelos sentidos. (2) Cobrança, recebimento. Certamente, o conceito aqui apresentado é apenas a ponta de um

iceberg (MICHAELIS, 2014), de investigação filosófica, contudo, está prévia definição nos aponta um caminho aceitável a este trabalho: o de perceber a percepção através dos sentidos, e assim, observa-la dentro e fora do corpo humano, e para isso, voltar à Grécia e seus pensadores é uma tarefa obrigatória a essa discussão.

Mas antes de se prosseguir com esta discussão, abra-se um espaço para dialogar um pouco mais com esta comparação do *iceberg*, afim de que se possa encontrar um momento para refletir. Um *iceberg* é uma montanha de gelo que se desprende de geleiras em uma calota polar e segue seu fluxo ao mar aberto. Aproximadamente 10% de todo seu volume fica acima do nível da água, enquanto sua maior parte navega submergida. Sua constituição é quase totalmente de água, contudo, um *iceberg* pode conter animais vivos ou fossilizados ou qualquer outro material que tenha sido agarrado em seu corpo no momento de sua formação. Ao longo de trajetória, o *iceberg* navega pelo mar causando beleza aos olhos de quem o admira, assim como perigo constante para aqueles que por perto transitam. Antes de seu derretimento e esfacelamento em auto mar, o *iceberg* vai aos poucos se mudando e assumindo a forma de mar, pois, seu estado físico se adapta ao novo ambiente, e o que fora sólido passa então ao estado líquido e deva-se isso ao aquecimento da temperatura. Eis então a trajetória de um *iceberg*: formado em uma geleira, desprendido dela, vagando por um ambiente, se transformando, e passando a constituir uma nova forma após seu contato com outras informações.

Não seria também está a trajetória do pensamento, ou está a trajetória da percepção, e porque não dizer que está seria a trajetória do conhecimento?

Se tratarmos do ato perceptivo, poder-se-á dizer que o estado perceptivo é despreendido de algo maior, o intelecto. Após este primeiro ato, pode-se fazer a vistoria da constituição da percepção, se é pura ou vem com elementos agregados, sejam estes elementos vivos ou fossilizados, ou seja, estes elementos podem constituir uma agregação ativa, por exemplo, ser algo que some a conduta do perceber, como a experiência da repetição, que gerará acertos e erros, ou algo fossilizado, como a rigidez do método. Após a dissecação do que constitui essa percepção pode-se adentrar ao ambiente onde está é ocorrida. De forma centralizada este ambiente é o próprio ser humano. De forma ampla este ambiente é o conhecimento, pois, ao avistar o deslocamento desta percepção, pode-se entender que a mesma transita pelo ambiente do conhecimento, ou seja, pelo mar dos saberes já medidos e entendidos pelo indivíduo. Desta forma, este *iceberg* da percepção começa a flutuar no mar do conhecimento, e o que ocorre nesta etapa se assemelha ao que ocorre com o *iceberg* verdadeiro, há transformação. O que imediatamente se vê da percepção é apenas aquilo que está acima do nível do conhecimento, assim, admitir que a percepção seja maior à medida que se mergulha no conhecimento é admitir um olhar profundo nesse mar, abaixo do seu nível. Em outras palavras, medir a

percepção apenas pelo que se pode ser visto acima do nível do conhecimento, é restringir o acesso à parte maior que cabe a percepção.

Ao deslizar deste *iceberg* perceptivo no mar do conhecimento, ao diluir deste bloco em algo já encontrado, ao diluir da percepção em conhecimento, encontra-se o saber, o conhecer, o fazer, o sentir, o pensar,

Voltemos ao começo. Este bloco desprende-se de algo maior. A percepção se solta do próprio conhecimento humano e carrega em si tudo que fora abstraído pelos sentidos, formando uma montanha de informações que será saboreada à medida que se flutua em direção ao mar. Assim como um *iceberg* pode causar beleza aos olhos de quem o admira, bem como perigo aos que transitam em sua volta, a percepção causa beleza àqueles que a enxergam de forma ativa, ou seja, sendo um sujeito que troca informações com o que lhe já é próprio, com aquilo que lhe é apresentado ao decorrer das experiências, ou perigo de falecimento intelectual, se por um acaso a percepção for encarada apenas com algo rígido em que não pode haver transformações, experimentações, mergulhos mais profundos.

Encontrar beleza, ou virtude ao ato de perceber é ser ensinado a não apenas apreciar o que se encontra acima do nível do conhecimento, e sim mergulhar e observar o que se encontra no mais profundo olhar. Ao fazer musical, encontra-se está metáfora, por exemplo, no seguinte momento: o que se está acima do nível do mar, ou do conhecimento, é aquilo que lhe é proposto pela rigidez de um método, ou seja, aquilo que é dito ao ser humano como obrigatório ver, fazer, ouvir e reproduzir. Pense que a maior beleza pode estar na outra parte não vista acima do nível da água. Pense que a melhor percepção musical pode estar além desta dita como correta e prescritiva, pode estar na submersão do pensamento dentro do conhecimento daquilo que fora desprendido ao ser com a percepção.

Lembremo-nos da dita idade média em que a sociedade europeia cristã, em sua tradição musical, denomina o intervalo conhecido como trítone, ou seja, a distância de três tons entre duas notas, como o som do diabo (GROVE, 1994). Pode-se dizer que nesse momento a percepção da Igreja estava focada apenas no que deslizava acima do nível do mar do conhecimento musical, não importando os saberes e sabores que podiam ser encontrados com uma percepção mais aprofundada do material proposto, ao consideramos a música. Naturalmente, o material harmônico já utilizado e aceito também fora fruto de um olhar perceptivo mais profundo, contudo, a rigidez do método pode decepar a oportunidade de novos elementos musicais. Imaginemos se os compositores não tivessem mergulhado mais profundamente, para observar o que estava debaixo do nível do conhecimento, e deslumbrarem a beleza da utilização deste intervalo de três tons. Ainda neste momento de imaginações, continue-se a pensar o que seria da 9ª sinfonia de Beethoven sem a tensão gerada pelos trítone contidos em acordes dominantes?

Ou a música de Wagner sem as tensões provocadas por intervalos dissonantes, sem o caminhar de tensão e relaxamento que fora começado na utilização deste intervalo? Em dias atuais, o que seria da música brasileira se a centenas de anos atrás, não se houvesse dado espaço para a percepção que estava submergida no conhecimento?

Hoje, após inúmeras visitas ao bloco perceptivo que está submergido no conhecimento, pode-se medir o que há de melhor no encontro da percepção musical com o conhecimento musical: o sabor dos desdobramentos musicais atingidos após a navegação da percepção no mar do conhecimento, onde está percepção fora se diluindo em conhecimento, em outras palavras, está práxis fora se convergindo para novos conceitos musicais. Assim como o *iceberg* em água há um ciclo existente, onde o que se soltou algum tempo atrás é agora água que está somada ao mar, com o passar do tempo, novas partes vão se soltando, novos blocos, e assim, novos processos vão surgindo e trazendo consigo novos caminhos, novas percepções.

O estímulo para apreciar e abstrair do conhecimento não somente acima do nível do mar é necessário ao sujeito que se dispõem interagir de forma ampla com o conhecimento musical. O processo perceptivo e a construção do conhecimento musical são uma ação deliberada do sujeito, onde o relacionamento entre a coisa a ser percebida e o ser humano não pode se dar apenas com a repetição de modelos rígidos, mas sim através de experimentações contínuas do fazer musical.

Tomás (2005) diz que:

a música na sociedade grega exercia um papel de importância capital, pois suas conexões com outros campos do saber ultrapassaram muito o sentido comum do que se entende por música, isto é, como um fenômeno audível que pode ser percebido sensorialmente” (TOMÁS, 2005, p. 13).

Se perceber é pensar, “pois o mesmo é pensar e ser”² (HEIDEGGER apud PARMÊNIDES), um mergulho profundo nas profundezas do mar do conhecimento é necessário para então se compreender o que sustenta aquilo que é visto como superficial no *iceberg* do processo perceptivo.

3 | CONHECIMENTO MUSICAL

Conhecimento e música ou conhecimento: música. Existe alguma razão para se diferenciar tal sentença, mas qual é a razão? Quando se diz: conhecimento e música colocam-se lado a lado esses dois saberes, e quando se diz: conhecimento: música, surge à intenção de dizer que a coisa que suscita o conhecer é a música, que o próprio conhecer é música.

2. Tò gâr autò noeîn estín te kai eínai.

Conhecer – haverá ainda neste trabalho um capítulo dedicado ao conhecimento – música é admitir a reflexão do intelecto aos saberes e sabores das vibrações sonoras no espaço tempo, e assim, efetuar dentro de si uma medida palpável – mesmo que seja apenas pelo pensar – de elementos que se chamam música.

No livro *A experiência do pensamento*, Heidegger (1996, p.21) diz que: “pensar é se limitar a uma única ideia, que um dia se tornará uma estrela no céu do mundo”. Como encontrar uma reflexão útil para esta sentença quando se relaciona com música? Conseguir não é uma certeza, tentar é a realidade do momento. Assim sendo, se pensar é se limitar a uma única ideia, pensar música é se limitar a pensar música. Contudo, como conhecer a base desse pensamento em sua essência? Seria o pensar música apenas aprender o que já foi pensado por outro ser humano? Bach pensou a fuga, logo escreveu o que conheceu e chamou de fuga. Outros seres humanos conheceram o que Bach pensou e conheceu sobre fuga. Logo estes outros conheceram a fuga uma vez que se limitaram a uma única ideia ou apenas Bach conheceu a fuga quando ele se limitou a esta ideia e assim deixou que sua fuga brilhasse como uma estrela no céu do mundo? Bach conheceu a fuga e a tornou conhecimento, ou, e a tornou uma estrela. Quantos conseguiram vislumbrar essa estrela na constelação musical das ideias? Os que conseguem, concordam entre si que a música – no nosso exemplo, a fuga – se tornou conhecimento à medida que se pensou um pensamento único sobre a coisa apreendida, logo, Bach e todos os outros conheceram a fuga na medida em que pensaram uma única ideia sobre os sons e as articulações de tempo/espaço e convergiam para a forma – do que se conhece – de uma fuga. Os que se limitaram a pensar a uma única ideia viram o brilho desta estrela no céu do mundo. Na constelação música, essa estrela se chamou fuga.

E a música é então uma constelação de ideias, que brilham para os que a conhecem? E só conhecem os que se limitam a pensar uma única ideia, ou se diga um único conhecimento? Pode se dizer que conhecer música é conhecer uma ideia, ou conhecer ideias?

Sendo música um conhecimento – pois se entende outros conhecimentos – pode a música habitar no pensamento do ser humano à medida que este a pensa de forma a desvelar o que brilha em um céu infinito. Mas por que infinito? Seria frustrante pensar a ideia de limitar o conhecimento da coisa que desde o princípio sempre se expande a cada nota mensurada por um ente no decorrer do espaço/ tempo, fazendo com que o conhecimento, mesmo que pautado em singularidades – veja que não só Bach compôs uma fuga, outros fizeram – sempre brilhe nova e diferentemente a cada momento que um pensamento emerge do ser e busca seu lugar ao céu, fazendo assim que a constelação – por vezes de estrelas quase

iguais - sempre cresça e brilhe mais. Os brilhos diferentes, uns mais intensos, logo mais admirados por chamarem para si os olhares dos atentos, e outros brilhos menos intensos, que só os mais preparados visualizam, pois além de olhar, algo que é próprio do olho, é preciso ver, algo que seria próprio do pensamento. Se concordarmos que as estrelas musicais ao invés de brilharem produzem seus sons no espaço/tempo, pode se dizer então que os sons diferentes, uns mais intensos – veja a concordância do sistema tonal carregando todos os ouvintes, ou quase todos, a sentirem um relaxamento no acorde de tônica – logo mais admirados por chamarem para si a audição dos atentos, e outros sons no espaço/tempo menos intensos, que só os mais preparados escutam, pois além de ouvir, o que é próprio do ouvido, é preciso escutar, algo que é próprio do pensamento, a estes e através deles se produz o conhecimento musical.

O que é um piano? Seria fruto de um sonho absurdo ou a criação de um instrumento, por meio do qual o conhecimento musical, no momento que emanava do ser humano, deu a luz - junto com o conhecimento de outros saberes – ao conhecimento de um pensamento de uma única ideia, no caso uma ideia musical? Ora, um piano é um piano, formado por um ser humano, que surge de suas experiências musicais que um dia transcendeu o pensamento, pois formou o conhecimento – soma de conhecimentos – que levaram a formação do piano. Instrumento de cordas percutidas – seria a percussão que se encontra de mais antigo no fazer dos instrumentos musicais? – inspiração das estrelas que já brilhavam. Mas é o piano um instrumento de grande importância para a música ocidental. Não seria ele tão importante para música cantada por uma mãe a ninar seu filho no Himalaia, pois até mesmo a música por ela cantada, não faria sentido nesse piano. Mais uma vez, a diversidade do brilho das estrelas.

Música é conhecimento que emana do pensamento de uma ideia. Música é o transitar do ser humano do constante desvelar de uma constelação – por vezes herdada sem se saber quem a criara antes - que permite a visão, ou por que não dizer uma escuta, no todo em volta do ser, sendo um ver/escutar infinito, pois produzir conhecimento musical é produzir música, e se é melindroso dizer onde começa a música, quanto mais dizer onde ela termina.

Música como conhecimento é a forma que o ser humano encontra para reter o brilho das estrelas sonoras que se encontram no espaço/tempo da vida.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perceber sempre estará nas ações do ser humano, sejam estas ações físicas ou mentais. A construção de conhecimento é inevitável ao indivíduo em perfeitas condições psicossociais. Olhar, olfatar, tocar, escutar e saborear permite

ao ser humano a destreza de se manter em constante adaptação ao meio, e por isso estar na ação de conhecer o mundo e contribuir para a construção do conhecimento como a própria percepção das coisas.

Entender a prática musical é estar no lugar concreto do acontecimento perceptivo e deixar fluir as experiências abstraídas, medidas e reutilizadas em outro contexto e, correlacionar toda e qualquer informação encontrada.

A educação do século XXI, seja ela musical ou não, é a mais avançada concatenação de informações já existente, uma vez que, agora pode-se olhar para trás e somar as partes significativas desenvolvidas ao longo das experiências educacionais. Contudo, há práticas perceptivas baseadas em medidas antigas. Por um lado há uma apresentação de materiais capazes de desenvolver o indivíduo ao fazer musical de forma eficaz, porém, a aplicação destas informações ao indivíduo se dá de forma como se ainda estivéssemos dentro do extrativismo, onde é coletado do sujeito fazeres que ainda não estão prontos, visto que o mesmo ainda não consegue digerir as informações captadas pelos sentidos e relaciona-las com conhecimentos já assimilados.

Cobrar uma percepção globalizada que permita ao músico fazer qualquer articulação no espaço-tempo com seu instrumento, ou, ouvir e escrever qualquer som captado com símbolos gráficos, porém, o ensinando com moldes que limitem a multiforme apreciação do fazer musical, será cobrar algo não concebido previamente pelo sujeito. Pensemos: o que se poderia dizer, baseados nos moldes atuais de educação musical da seguinte forma avaliativa: entregar-se-á uma folha em branco para um aluno que estude música por um período de seis meses, e será proposto a ele escrever tudo o que ele sabe sobre o que foi visto, ou seja, ele, de sua forma e com sua medida escreverá livremente sobre tudo o que está dentro de seu conhecimento. Por certo poderá se esquecer de algo, mas, a intenção é deixá-lo livre para escrever. Talvez este aluno não consiga esboçar as primeiras linhas, uma vez que ele está treinado a responder o que lhe é perguntado, talvez este aluno surpreenda ao avaliador, ao escrever as informações contidas nos seis meses de aula, mais outras informações que ele buscou por conta própria e que também chegou a conclusão sozinho, após refletir sobre o que pensava.

Será que este modelo de avaliação seria adequado aos moldes educacionais vigentes? Será que se conseguiria extrair do aluno o resultado esperado após o tempo de estudo? Será que o que foi supostamente escrito pelo aluno terá valor pedagógico? Será que isso o levará a ser músico? Quantas vezes se poderá o avaliar desta maneira, tendo qualidade no que está se colhendo como avaliação?

Se pensarmos que aquilo que você precisa decorar pode ser mostrado para o sujeito no momento de uso destes elementos, uma vez que se entende que o que é fixo no aprendizado, por exemplo, no caso de música, as figuras de

som, as tonalidades, o uso da notação musical, etc., após a compreensão destes elementos os mesmo não mudarão mais de forma e significado, o ato de como usá-los durante a práxis será determinado pela percepção, ou seja, elementos fixos não serão determinantes ao fazer musical, a não ser que sejam usados com uma percepção ativa, que gere pensamento, que some conhecimento, que permita então a coexistência de captação, assimilação e uso de novas informações. Em outras palavras, um exemplo musical seria um ditado melódico, onde os elementos fixos são as notas, as tonalidades, o uso da escrita musical, etc., tudo isso pode ser mostrado para o sujeito que se propõem a realizar o ditado melódico. Mas, o perceber e pensar destes elementos fixos serão determinantes para a execução ou não do ditado melódico. Lembre-se do comparativo do *iceberg*, onde a ponta do mesmo é apenas a começo de todo o processo. Perceber e pensar os elementos fixos através do que já se tem previamente adquirido com conhecimento bem como interagir com o que é proposto no espaço-tempo corrente é entender e abstrair o que se encontra em todo *iceberg*.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed. Wmfmartinsfontes, 2012.
- BOCK, Ana M. Bahia, FURTADO, Odair e TEXEIRA, Aria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Ed. Saraiva, 2001.
- ELIADE, Mircea. *História das Religiões*, vol. 1. São Paulo: Ed. Res, 1988.
- GROVE, Dicionário música: edição concisa / editado por Stanley Sadie; editora-assistene, Alison Latham; tradução, Eduardo Francisco Alves. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*, apresentação e tradução Emanuel Carneiro Leão. 3º ed. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1987.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1993.
- LOWENSTEIN, Otto. *Os sentidos*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Universal Popular, 1968.
- LUCRECIO, Tito. *A natureza das coisas*. Tradução de Antonio José de Lima Leitão. Lisboa: TYP. Jorge Ferreira de Mattos, 1851.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação a história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 6ºed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- MICHAELIS, Dicionário de Português. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=percep%E7%E3o>>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- TOMÁS, Lia. *Música e filosofia estética musical*. São Paulo: Ed. Irmãos Vitale, 2005.

SOBRE O ORGANIZADOR

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA- Professor do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (Uneb - Campus VII) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA (Uneb - Campus III). Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (IESCFAC), Especialista em Educação Matemática e Licenciado em Matemática pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Foi professor e diretor escolar na Educação Básica. Coordenou o curso de Licenciatura em Matemática e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) no Campus IX da Uneb. Foi coordenador adjunto, no estado da Bahia, dos programas Pró-Letramento e PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Participou, como formador, do PNAIC/UFSCar, ocorrido no Estado de São Paulo. Pesquisa na área de formação de professores que ensinam Matemática, Ludicidade e Narrativas. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/UFSCar), na condição de pesquisador, o Grupo Educação, Desenvolvimento e Profissionalização do Educador (CNPq/PPGESA-Uneb), na condição de vice-líder e o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/Uneb) na condição de líder. É editor-chefe da Revista Baiana de Educação Matemática (RBEM), uma publicação do PPGESA da Uneb em parceria com o Campus VII da mesma instituição e com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Análise dialógica do discurso 10, 11, 12, 233

Aprendizado 5, 25, 48, 70, 73, 106, 126, 127, 129, 173, 187, 220, 285

Aprendizagem 2, 5, 6, 11, 13, 15, 21, 24, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 67, 69, 71, 72, 80, 84, 87, 88, 92, 93, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 116, 118, 121, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 134, 140, 163, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 211, 213, 214, 218, 224, 225, 227, 230, 231, 246, 256

Atividade física 98, 99, 100

Autonomia universitária 59

AVA 42

Avaliação 17, 19, 20, 22, 24, 42, 45, 46, 53, 54, 57, 72, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 133, 134, 136, 138, 139, 145, 146, 147, 149, 174, 194, 195, 196, 204, 205, 206, 207, 222, 223, 225, 230, 233, 238, 246, 248, 257, 285

Avaliação da aprendizagem 106, 112, 246

B

Biografia 19, 20, 27, 59, 63

C

Capacitação 86, 142, 143, 144, 152, 227

Cérebro 126, 127, 129, 130

CITECS 142, 143, 144, 145, 147

Cognitivo 23, 25, 126, 128, 129, 130, 215, 277

Competências 5, 45, 84, 85, 92, 96, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 124, 129, 142, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 226, 228, 229, 230, 234, 237, 238, 240

Compreensão de leitura 246

Conhecimento 11, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 31, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 58, 71, 74, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 95, 103, 106, 117, 118, 119, 120, 122, 129, 133, 134, 140, 143, 147, 153, 161, 168, 178, 187, 193, 208, 209, 210, 212, 213, 215, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 227, 231, 234, 238, 241, 251, 256, 271, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286

Coordenação pedagógica 38, 39, 47, 131, 133, 135, 138, 139, 140, 176, 228

Criatividade 6, 24, 99, 146, 164, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 210, 218, 226

Currículo 4, 13, 29, 44, 57, 78, 83, 86, 93, 100, 102, 103, 104, 105, 113, 137, 171, 177

D

Desenvolvimento 5, 6, 11, 14, 17, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 32, 35, 37, 38, 42, 43, 45, 46, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 84, 85, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 102, 106, 107, 108, 109, 111, 117, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 134, 137, 139, 142, 143, 144, 147, 148, 151, 155, 157, 160, 162, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 213, 216, 222, 226, 227, 230, 231, 243, 246, 247, 253, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 279, 287

Dialogismo 233, 234, 238, 259

E

Educação básica 4, 10, 31, 40, 42, 47, 55, 88, 89, 90, 94, 95, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 170, 187, 232, 240, 243, 287

Educação científica 95, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 125

Educação criativa 171

Educação de jovens e adultos 28, 29, 34, 40, 41, 97

Educação democrática 1, 163

Educação do campo 98, 100, 158

Educação Infantil 44, 46, 47, 56, 57, 112, 130, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 166, 167, 168, 170

Educação infantil do campo 155, 158, 161, 170

Educação musical 276, 285

Educação profissional 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97

Empreendedores 86, 142, 143, 144, 145, 147

Ensino fundamental 9, 27, 44, 46, 47, 56, 84, 88, 90, 95, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 125, 130, 163, 177, 179, 180, 209, 211, 222, 246, 247, 257

Ensino médio integrado 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 93, 95, 96

Escrita 12, 17, 20, 24, 26, 78, 108, 118, 120, 121, 124, 127, 132, 139, 149, 159, 177, 178, 210, 213, 217, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 235, 236, 237, 239, 248, 250, 256, 258, 259, 286

Especialização 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 151

F

Formação continuada 27, 28, 29, 31, 32, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 88, 92, 93, 96, 136, 139

Formação de gestores 28, 91

Formação de professores 42, 44, 53, 57, 58, 73, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 95, 96, 114, 116, 117, 125, 224, 287

G

Gênero discursivo 233, 234, 236, 237

Gestão democrática 28, 29

H

Hábitos culturais 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208

Habitus professoral 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82

Hegemonias 1, 2

História da educação 73

I

Improvisação 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274

Inclusão social 65, 71, 118, 119, 177

Iniciação científica 114, 115, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 125, 134

J

Jazz 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 275

Jovens estudantes 194, 195, 198, 199, 205, 206, 207, 208

L

Leitura 11, 17, 20, 21, 22, 36, 55, 77, 108, 121, 127, 149, 159, 177, 198, 199, 206, 207, 216, 219, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 234, 239, 240, 243, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 256, 257, 264

Lirismo 258, 262, 263

Literatura Alagoana 258, 259

M

Música popular improvisada 265, 274, 275

O

Oficinas 50, 80, 226, 228, 230

P

Pedagogia da autonomia 1, 5, 8

Pedagogia histórico-crítica 10, 11, 12, 27

Percepção 6, 18, 20, 21, 25, 66, 68, 100, 114, 122, 123, 124, 125, 149, 173, 193, 197, 220, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 285, 286

Performance 115, 246, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 274

Poesia 24, 216, 258, 259, 260, 264

Prática esportiva 64, 65, 67, 68, 71

Práticas escolares 1, 8, 44

Práticas pedagógicas 3, 4, 42, 44, 58, 78, 169, 171, 173, 175, 176, 177, 178

Processo criativo 171, 172, 173, 176, 177

Produção textual 227, 228, 230, 231, 233, 234, 237, 244, 245, 256

Psicanálise 131, 132, 135, 136, 137, 139, 141

R

Redemocratização 59, 60

Reescrita 24, 226, 228, 231

S

Saúde 33, 41, 62, 68, 98, 99, 100, 101, 109, 116, 124, 132, 135, 136, 139, 152, 162, 213, 214, 272

Storytelling 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

T

Teste *cloze* 246, 248, 249, 254, 257

TIC 42, 43, 44, 45, 55, 57

Trajetórias escolares 114

V

Vínculos sociais 155

Voleibol 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 